

Portugal sem Fundos Europeus: O Dia Seguinte ao Estado de Sítio Económico

Publicado em 2025-03-21 20:28:47



Durante décadas, Portugal habituou-se a viver com a almofada dos fundos europeus. Foram centenas de milhares de milhões de euros canalizados para infraestruturas, agricultura, modernização da administração pública, formação, educação, coesão social, ciência, inovação, digitalização, e muito mais. No entanto, **em vez de os utilizar para transformar estruturalmente o país**, sucessivos governos — tanto do PS como do PSD — **optaram por gerir o presente, tapar buracos e adiar o futuro.**

Agora, à medida que se aproxima o fim do atual Quadro Financeiro Plurianual da União Europeia, e com a crescente pressão de Bruxelas para que os países demonstrem verdadeira responsabilidade orçamental, **paira uma inevitável pergunta no ar: e quando os fundos acabarem, o que será de Portugal?**

1. O Fim da Rede de Segurança

Portugal tem vivido como se os fundos europeus fossem eternos e incondicionais. Entre 1986 (data da adesão à então CEE) e 2024, o país recebeu mais de **140 mil milhões de euros em apoios comunitários**. Este fluxo de capital permitiu compensar défices crónicos de investimento, mascarar a baixa produtividade e, muitas vezes, sustentar sistemas ineficientes com pouco retorno económico.

Com o seu eventual fim — seja por esgotamento dos envelopes disponíveis, seja por uma nova prioridade da UE para os países do leste europeu — **a realidade nua e crua emergirá:**

- A falta de uma economia autónoma e competitiva.
 - O peso brutal da dívida pública e do serviço da dívida.
 - Uma administração pública inchada, antiquada e ineficaz.
 - Uma justiça lenta, opaca e frequentemente politizada.
 - A saúde e a educação públicas a definharem.
 - E sobretudo: **uma sociedade dependente, descrente e sem confiança no futuro.**
-

2. Um Modelo Económico que Nunca Mudou

Apesar das oportunidades criadas pelos fundos, **Portugal falhou em evoluir para um modelo económico sustentável**. As empresas continuam, em larga medida, assentes em setores de baixo valor acrescentado, como o turismo, o retalho, a construção civil e a agricultura subsidiada. Poucas investem seriamente em I&D, em diferenciação tecnológica ou em internacionalização robusta.

Além disso, **a dependência de emprego mal pago — onde 30% dos trabalhadores ganham o salário mínimo — revela uma economia estagnada**, pouco exigente, que recompensa a mediocridade e penaliza o talento. Os melhores emigraram, os que ficaram vivem entre a precariedade e o conformismo.

3. A Falência Moral da Governação

Mais grave ainda do que a dependência económica é **a dependência moral da política portuguesa em relação aos fundos europeus**. Em vez de os usar para fazer reformas — na justiça, na administração, na fiscalidade, na educação — **os partidos usaram-nos como maná político**, para distribuir favores, alimentar clientelas, manter poder local e calar contestação social.

Essa cultura de "**viver à custa de**" criou **uma elite política e económica parasitária**, que se instalou confortavelmente em gabinetes e comissões, longe da realidade das famílias portuguesas.

4. O Despertar que Nunca Acontece

Será preciso o colapso para que haja reforma? Terá Portugal de bater no fundo para, finalmente, enfrentar os seus fantasmas?

A ausência de fundos europeus poderá ser, paradoxalmente, **o choque de que o país precisa para mudar de paradigma**. Mas isso só acontecerá se:

- Houver coragem política para reformar o Estado.
 - Os partidos se abrirem à sociedade civil e renovarem os seus quadros.
 - Os cidadãos deixarem de ser passivos e exigirem contas e transparência.
 - As empresas investirem na qualificação e na inovação.
-

5. Um País à Beira do Cansaço Histórico

Portugal encontra-se numa espécie de estado de sítio silencioso: **económico, político, social e moral**. Os fundos europeus foram, durante anos, a morfina que adormeceu a dor da estagnação. Agora que a anestesia se aproxima do fim, **a ferida volta a sangrar, exposta e crónica**.

É tempo de parar de empurrar os problemas com a barriga. É tempo de olhar o futuro com verdade, coragem e ação. Porque **sem fundos europeus, o que restará é o que verdadeiramente somos**.

E se nada for feito, a resposta será dolorosa: **um país pobre, resignado, dividido e irrelevante**.

[Francisco Gonçalves](#)

Créditos para IA, DeepSeek e chatGPT (c)

Um grafico que mostra a afluência de fundos europeus a Portugal, até 2020 :

